

## ENSINO DE NUTRIÇÃO NOS CURSOS DE MEDICINA E DE ENFERMAGEM NO ESTADO DE SÃO PAULO: CURSOS DE ENFERMAGEM

---

Maria Cristina Faber Boog \*  
Maria José Roncada \*\*  
Glacilda T. M. Stewien \*\*\*

---

BOOG, M.C.F.; RONCADA, M.J.; STEWIEN, G.T.M. Ensino de nutrição nos cursos de medicina e de enfermagem no Estado de São Paulo: Cursos de Enfermagem. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v.8, n.4, p.66-74, 1995.

**RESUMO:** Desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo de conhecer a situação do ensino de Nutrição nos cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo. Os aspectos pesquisados foram: carga horária da disciplina, formação e titulação do professor responsável, objetivos, conteúdo e bibliografia indicada. Concluiu-se, pelos resultados de 24 cursos, que a maioria deles oferece uma disciplina na área de Nutrição, sendo 60 horas a carga horária mais freqüente e dois deles (8, 3%) não tem a disciplina específica na área. A maioria dos docentes é nutricionista (73, 9%). Em relação à titulação, 34,8% ainda não tem qualquer título, 34,8% são mestres. Os conteúdos foram classificados em 14 categorias, sendo as mais citadas: Nutrientes: funções e fontes; Dietética nos ciclos vitais; Dietética geral; Dietoterapia nas patologias específicas. A maioria dos cursos relaciona de 3 a 6 títulos na bibliografia. Alguns conteúdos de Nutrição são ministrados também em outras disciplinas. Os autores fazem recomendações com vistas ao aprimoramento do ensino de Nutrição e Dietética em cursos de Enfermagem.

**UNITERMOS:** Nutrição-ensino. Enfermagem-ensino. Educação nutricional.

### INTRODUÇÃO

A Nutrição é a base sobre a qual se desenvolvem todos os processos fisiológicos e patológicos; nenhum fenômeno orgânico, normal ou anormal, ocorre sem que haja um componente nutricional envolvido. Pelo papel primordial que

a Nutrição desempenha na promoção, manutenção e recuperação da saúde, é de se pressupor que os cursos que formam profissionais na área da saúde, tenham essa ciência incluída em seu currículo<sup>5,8,10,17,19,22,24,27,28</sup>.

Entretanto, até o ano de 1994, entre os cursos da área da saúde, Enfermagem era o único que

---

\* Nutricionista, Mestre em Saúde Pública, Prof. Assistente do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

\*\* Farmacêutica Bioquímica, Prof. Titular do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP.

\*\*\* Educadora em Saúde Pública, Prof. Doutor, Aposentada, do Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP.

continha a disciplina Nutrição dentro do seu currículo mínimo, alocada na área de Ciências Fisiológicas (Resolução MEC 04/72), além dos cursos de graduação em Nutrição. Com a última alteração do currículo mínimo dos cursos de Enfermagem, implantada através da Portaria 1721 de 15 de Dezembro de 1994 do Ministério da Educação e do Desporto, a disciplina Nutrição e Dietética deixa de integrá-lo, ficando portanto facultado aos cursos, oferecê-la ou não. Já para os cursos de Medicina, a Nutrição não se constitui em disciplina obrigatória e apenas alguns cursos a oferecem, embora tópicos relativos a ela possam aparecer em outras disciplinas, como já foi verificado por BOUCINHAS; BEZERRA (1980).

O ensino de Nutrição nos cursos da área da saúde foi objeto de particular interesse durante os anos setenta, motivo pelo qual vários trabalhos foram escritos e publicados nesta década e na seguinte, após o que, observou-se um decréscimo no interesse pelo assunto, sem, contudo, que as discussões houvessem conduzido a mudanças significativas no panorama do ensino de Nutrição, principalmente no Brasil.

Em 1983, ROMO; OLIVARES, analisaram o ensino de Nutrição no Chile, nos cursos de Enfermagem, Medicina, Obstetrícia, Odontologia, Química e Farmácia, verificando que em todos eles a Nutrição constituía disciplina independente e obrigatória. Esses autores aplicaram, ainda, um inquérito de opinião e uma prova objetiva de conhecimentos a uma amostra de 303 egressos desses cursos, verificando que apenas 14,2% deles obtiveram o rendimento mínimo de 75% de respostas corretas.

Há que se considerar ainda que a avaliação de conhecimentos de *per si* não reflete adequadamente o preparo dos profissionais para lidar com Nutrição. Nutrição é um campo multidisciplinar, difuso<sup>12,15</sup>, cuja complexidade do ensino exige uma visão ampla da matéria, abrangendo conhecimentos de ciências biológicas, sociais e humanas<sup>6</sup>. Um professor com conhecimentos específicos de Bioquímica não dará conta, por exemplo, de discutir problemas de nutrição em Saúde Pública, ou realizar orientação nutricional que envolve Técnica Dietética, Dietoterapia e Educação Nutricional. Não

é o conhecimento técnico da ciência da Nutrição em si que habilita o profissional a aplicar este conteúdo na prática profissional, pois esta prática exige conhecimentos de diferentes áreas.

Outra dificuldade que envolve o ensino de Nutrição é que, como demonstraram CHERY e colab., (1987), um incremento de conhecimentos não reduz necessariamente a prevalência de crenças, isto é, o aluno pode assimilar informações teóricas e continuar utilizando na prática os conceitos adquiridos culturalmente. Há uma certa impermeabilidade das crenças pessoais ao conhecimento técnico e este é um aspecto que deve ser objeto de trabalho pedagógico no ensino de Nutrição. Para trabalhar esta questão de forma mais crítica, HEIMBURGER e colab., (1994), utilizaram a auto-avaliação dietética no início e no final de um curso ministrado a estudantes de medicina, e verificaram a ocorrência de uma significativa mudança de práticas alimentares. Estes autores compreenderam a importância de vincular o ensino da matéria ao cotidiano do estudante, como estratégia de conscientização acerca da importância da nutrição.

O Brasil é um país que já chegou a ocupar o oitavo lugar na economia mundial<sup>1</sup>, porém apresenta índices de desnutrição que o equiparam aos países mais pobres do terceiro mundo<sup>4,26</sup>. Esta realidade precisa ser cuidadosamente discutida nos cursos de graduação da área da saúde, a fim de que os profissionais que se formam possam efetivamente compreender a abrangência dos problemas nutricionais, bem como suas implicações diretas na assistência à saúde. A falta desta compreensão abrangente dos problemas de saúde como resultante da interação com o meio, leva à priorização de uma *parafernália medicamentosa*<sup>7</sup> em detrimento da atenção às variáveis responsáveis pela alteração das condições de saúde<sup>7</sup>. Além disso, como dizem LOPEZ e colab., (1988), *o número de vidas salvas por uma alimentação adequada é substancialmente maior do que o número de vidas prolongadas por uma cirurgia cardíaca. Nutrição não é, certamente, uma disciplina de importância secundária, mas uma questão primordial na promoção da saúde e prevenção de doenças. É nossa responsabilidade fazer com que nossos alunos percebam esta relação e atuem de acordo.*

Os profissionais de saúde necessitam compreender, ainda, que a alimentação é uma manifestação da personalidade, afetada por fatores culturais e psicológicos<sup>3,11,14,20</sup> e que o cuidado nutricional não pode jamais desconsiderar estas influências. Dietas impressas, proibições, prescrições de dietas desacompanhadas de orientações individualizadas são ineficazes porque não comportam os aspectos psicológicos e sociais que envolvem o comportamento alimentar.

No campo hospitalar esses profissionais vêm o fornecimento de alimentação como uma simples prestação de serviço, semelhante à limpeza ou lavagem de roupa. Os aspectos psicológicos e, muitas vezes, até mesmo os nutricionais, são desconsiderados pela equipe, como se não interferissem no processo de recuperação do paciente.

Em 1985, nos Estados Unidos, a Academia Nacional de Ciências, publicou um relatório contendo uma avaliação do ensino de Nutrição nas escolas médicas, no qual se concluía que, quando ensinada, ela o é de forma inadequada, que as escolas médicas atribuem a esta disciplina pouca importância na organização dos currículos e que ela é tida como um *unwanted intrusion*<sup>30</sup>, ou seja um *intruso* para cujo ingresso no currículo são colocadas várias barreiras<sup>29</sup>.

A despeito da ampla polêmica que existe sobre o assunto, em 1994, a Associação Americana de Dietética posicionou-se a respeito, recomendando *a inclusão da educação em nutrição como um componente essencial de todos os níveis de educação médica*, com base nos três fatos seguintes: em primeiro lugar, oito das dez primeiras causas de morte, nos Estados Unidos, tem relação com a dieta, em segundo, as intervenções em nutrição diminuem o risco de complicação de várias enfermidades e, em terceiro lugar, elas diminuem o custo de outros itens de assistência à saúde<sup>22</sup>.

Tendo em vista não apenas as controvérsias que cercam o ensino da Nutrição<sup>2,10,12,13,18,21, 23,25</sup>, mas também o desconhecimento da matéria que é ministrada aos futuros médicos e enfermeiros, foi planejado um levantamento sobre o *Ensino de Nutrição nos cursos de Medicina e de Enfermagem no Estado de São Paulo*. O presente trabalho apresenta os resultados referentes aos cursos de Enfermagem,

com os seguintes objetivos específicos:

- a) conhecer a carga horária da disciplina Nutrição, a formação e a titulação do professor responsável (e dos professores colaboradores);
- b) analisar os objetivos da disciplina nos diversos cursos;
- c) analisar o conteúdo ministrado e a bibliografia indicada;
- d) verificar a existência de outras disciplinas no curso que não a própria disciplina específica, que também ministram temas referentes à Nutrição.

Não foi escopo do estudo avaliar a qualidade do ensino nas várias faculdades, nem estabelecer parâmetros para este ensino, mas sim oferecer subsídios às comissões de ensino, aos coordenadores de cursos e docentes, para o estabelecimento e avaliação de programas.

## MÉTODO

Considerando que a delimitação do problema a ser investigado representa uma preocupação emergente, pouco trabalhada até o momento, pode-se classificar esta pesquisa como um estudo exploratório.

Inicialmente foi elaborada uma listagem dos cursos existentes no Estado de São Paulo com dados obtidos de consultas feitas a órgãos oficiais representativos da categoria dos enfermeiros, confirmados por contato telefônico com as instituições, chegando-se à listagem final de 26 cursos, aos quais se enviou, em julho de 1992, explicação das propostas do trabalho, solicitando o preenchimento de questionário, além da remessa do programa da(s) disciplina(s) específica(s) da área de Nutrição e Dietética.

Um ano depois, só haviam retornado cerca de 50% dos questionários preenchidos, que permitiram a apuração de resultados preliminares, os quais foram apresentados em reunião do Comitê de Ensino de Graduação em Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem, na Cidade de Bauru. Na oportunidade, solicitou-se aos coordenadores de cursos que não haviam respondido o questionário, que o fizessem. Nova cópia do questionário foi enviada em agosto de 1993 a esses cursos. As respostas se

sucederam, totalizando 24 cursos, que representam 92,3% do universo.

Os objetivos e conteúdos foram classificados em categorias especialmente estabelecidas. Não foram objeto de análise nem as técnicas, nem os recursos utilizados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados referem-se a 17 instituições privadas e 7 governamentais, sendo quatro estaduais, uma federal e duas municipais. São abordados: número

de disciplinas na área e carga horária, formação e titulação dos professores, objetivo geral, objetivos específicos, conteúdo programático, complementação através de outras disciplinas e bibliografia utilizada.

Os cursos estudados oferecem de uma a três disciplinas na área de Nutrição, sendo que 18 (75%) têm apenas uma disciplina. Dois cursos não oferecem disciplina específica na área, sendo o conteúdo de Nutrição ministrado dentro de outra disciplina (Tabela 1). Os quatro cursos com mais de uma disciplina específica na área pertencem a universidades estaduais.

**TABELA 1**  
**Número de disciplinas específicas de Nutrição e Dietética em 24 cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93.**

NÚMERO DE DISCIPLINAS	INSTITUIÇÕES		TOTAL	
	GOVERNAMENTAIS	PRIVADAS	N	%
0	-	2	2	8,3
1	3	15	18	75,0
2	1	-	1	4,2
3	3	-	3	12,5
TOTAL	7	17	24	100,0

A carga horária encontrada é bastante variável, oscilando de 32 a 134 horas. Dos 22 cursos que oferecem a disciplina, 54,2% tem disciplinas

na área com cargas horárias entre 45 e 74 horas (Tabela 2), sendo 60 horas a que aparece com maior frequência.

**TABELA 2**  
**Carga horária das disciplinas de Nutrição e Dietética em 24 cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93**

CARGA HORÁRIA (horas)	INSTITUIÇÕES		TOTAL	
	GOVERNAMENTAIS	PRIVADAS	N	%
zero	-	2	2	8,3
32 a 44	1	1	2	8,3
45 a 74	2	11	13	54,2
75 a 100	2	2	4	16,7
101 e +	2	1	3	12,5
TOTAL	7	17	24	100,0

Quanto à formação básica, a maioria dos docentes responsáveis é nutricionista (73,9%); seguem-se os enfermeiros (17,4%), havendo um economista doméstico e um farmacêutico-bioquímico (Tabela 3). Entre os quatro cursos com mais de uma

disciplina na área (Tabela 1), um conta com três docentes diferentes para cada uma das três disciplinas. Uma instituição privada não forneceu informação sobre a formação e titulação do responsável.

Em relação à titulação do corpo docente, 34,8% tem mestrado, 17,4% têm curso de especialização e 13,0% são doutores. Na avaliação global, pouco mais de um terço (34,8%) não têm, ainda, qualquer

título de pós-graduação (senso lato ou estrito) (Tabela 4). Destes, dois estão em instituições governamentais e seis em instituições privadas (Tabela 5).

A análise detalhada dos objetivos gerais e es-

**TABELA 3**  
**Formação básica dos docentes responsáveis pelas disciplinas de Nutrição e Dietética em Cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93**

FORMAÇÃO BÁSICA	INSTITUIÇÕES		TOTAL	
	GOVERNAMENTAIS	PRIVADAS	N	%
NUTRICIONISTA	5	12	17	73,9
ENFERMEIRO	3	1	4	17,4
ECONOM. DOM.	1	-	1	4,3
FARMAC. BIOQ.	-	1	1	4,3
TOTAL	9	14	23 (*)	100,0

(\*) Um curso tem 3 docentes responsáveis (um para cada uma das três disciplinas).

**TABELA 4**  
**Titulação dos docentes responsáveis pelas disciplinas de Nutrição e Dietética em cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93**

FORMAÇÃO	TITULAÇÃO				TOTAL
	GRADUADO	ESPECIALISTA	MESTRE	DOUTOR	
NUTRICIONISTA	7	4	5	1	17
ENFERMEIRO	1	-	2	1	4
ECONOM. DOM.	-	-	-	1	1
FARM. BIOQ.	-	-	1	-	1
TOTAL	8 (34, 8%)	4 (17,4%)	8 (34, 8%)	3 (13,0%)	23 (100%)

**TABELA 5**  
**Titulação dos docentes responsáveis pelas disciplinas de Nutrição e Dietética segundo o tipo de instituição em cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93**

TITULAÇÃO	TIPO DE INSTITUIÇÕES		TOTAL	
	GOVERNAMENTAIS	PRIVADAS	N	%
GRADUAÇÃO	2	6	8	34,8
ESPECIALISTA	1	3	4	17,4
MESTRE	4	4	8	34,8
DOUTOR	2	1	3	13,0
TOTAL	9	14	23	100,0

pecíficos constituiu objeto de outro trabalho<sup>(1)</sup>, porque a avaliação deste elemento do programa é uma tarefa complexa, que existe referencial teórico do campo pedagógico. A abordagem feita aqui a este tópico é bastante superficial.

Dos 24 cursos estudados, dois (8,3%) não tem disciplina específica na área, de forma que a análise dos programas foi feita sobre um total de 22.

Desses, seis (27,3%) não tem objetivos gerais explicitados no programa.

Apenas 14 (63,6%) apresentaram objetivos específicos. Os aspectos privilegiados no estabelecimento dos objetivos específicos foram: Dietoterapia nas patologias específicas (54,5%); Nutrientes: funções, fontes (50,0%); Dietética nos ciclos vitais (40,9%); Processo de cuidado nutricional – papel do enfermeiro (40,9%).

No contexto geral, os dados parecem informar mais sobre a importância secundária que é dada à formulação de objetivos do que sobre o enfoque dado à disciplina, uma vez que alguns temas quase não são mencionados nos objetivos, porém sendo muito mais enfatizados no conteúdo, como se verá adiante.

Os conteúdos apontados por maior número de cursos foram: Dietética nos ciclos vitais (100%); Funções e fontes (100%); Dietética Geral (95,5%); e Dietoterapia nas patologias específicas (95,5%).

Nota-se que, em alguns programas, o conteúdo é uma transcrição do índice de conhecidos livros de dietoterapia e a análise dos mesmos sugere que nesta disciplina é transmitido um conteúdo extraído de um único referencial teórico.

Dos 22 programas analisados, onze (50,0%),

**TABELA 6**  
**Conteúdos abordados nas disciplinas de Nutrição e Dietética em cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo, 1992/93**

TEMÁTICA DOS CONTEÚDOS*	TOTAL	
	N	%
1. INTRODUTÓRIOS: RELAÇÃO NUTRIÇÃO - SAÚDE	13	59,1
2. NUTRIENTES: FUNÇÕES, FONTES	22	100,0
3. DIETÉTICA GERAL	21	95,5
4. DIETÉTICA NOS CICLOS VITAIS	22	100,0
5. AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL	8	36,4
6. DIETAS HOSPITALARES DE ROTINA	15	68,2
7. DIETOTERAPIA NAS PATOLOGIAS ESPECÍFICAS	21	95,5
8. PROCESSO DE CUIDADO NUTRICIONAL: PAPEL DO ENF.	10	45,5
9. LACTÁRIO	2	9,1
10. SUPORTE NUTRICIONAL	10	45,5
11. NUTRIÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA	13	59,1
12. ASPECTOS PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CULTURAIS DA ALIMENTAÇÃO – EDUCAÇÃO NUTRICIONAL	6	27,3
13. FISIOLOGIA DA NUTRIÇÃO	2	9,1
14. OUTROS	11	50,0

(\*) O Anexo traz uma síntese dos itens englobados em cada uma destas categorias.

(1) BOOG, M. C. F., RONCADA, M. J., STEWIEN, G. T. M. Análise crítica sobre os objetivos das disciplinas da área de Nutrição e Dietética em cursos de Enfermagem do Estado de São Paulo.

relacionam 3 a 6 títulos na bibliografia. Os livros-texto mais utilizados são: *Alimentos, Nutrição e Dietoterapia*, de Krause & Mahan, citado por 16 (72,7%) cursos, seguido por *Nutrição Humana* de Burton e *Nutrição Básica e Aplicada* de Chaves ambos citados por 11 (50,0%) instituições; em terceiro lugar, *Guia de Dietoterapia para Enfermeiras* de Bodinsky, mencionado por dez (45,4%) cursos.

Dos 24 cursos que responderam ao questionário, 30% informaram que também ministram conteúdos de Nutrição em outras disciplinas. Observa-se que houve dificuldade, por parte das escolas, para delimitar o campo da Nutrição, o que fez com que fossem referidos, nesta parte, temas pertinentes à fisiologia, homeopatia e fitoterapia, entre outros. Os temas que efetivamente podem ser considerados pertinentes à Nutrição, ministrados em outras disciplinas, são: serviço de nutrição e dietética – planta física, fluxograma, arquitetura; saúde comunitária – aspectos nutricionais; aleitamento materno; aleitamento artificial; dietoterapia infantil; preparo de diluições lácteas e papas; alimentação do recém-nascido prematuro; alimentação da criança hospitalizada. As disciplinas envolvidas foram: Administração de Serviços de Enfermagem Hospitalar, Enfermagem de Saúde Pública, Enfermagem em Pediatria e Neonatologia, Enfermagem Médica, Enfermagem Cirúrgica, Saúde da Criança, Saúde da Mulher, Saúde do Adulto e Saúde da Comunidade.

Sendo o conhecimento de Nutrição difuso, como já referido, é natural e positiva a retomada de certos aspectos em outras disciplinas que enfocam temas específicos. Além disso, é importante ressaltar que os docentes não podem ser polivalentes, especialistas em Nutrição e Dietética, Nutrição em Saúde Pública, Dietoterapia, Nutrição, Materno-Infantil, Avaliação Nutricional e outras especialidades da área. Porém, seria recomendável que ele fosse um nutricionista, por ser o profissional mais indicado para transmitir o conteúdo básico de Nutrição, indicar aos estudantes a abrangência da matéria e comunicar o interesse e aplicação intrínsecos à especialidade da Nutrição e Dietética.

Não é demais repetir: a Nutrição é multidisciplinar, multisetorial, sendo difícil a um mesmo profissional ser especialista em assuntos tão díspares, como, por exemplo, funções dos nutrientes, antropometria, dietética, nutrição materno-infantil, nutrição enteral ou interfaces do relacionamento profissional no hospital; o ideal seria haver, em todas as Faculdades de Enfermagem, um Departamento de Nutrição e Dietética, com profissionais especializados em todas estas áreas, de forma que cada qual pudesse pesquisar e ensinar no âmbito de seu conhecimento.

## RECOMENDAÇÕES

Face à situação constatada através do levantamento de dados relativos às disciplinas da área de Nutrição e Dietética, e tendo em vista o aprimoramento deste ensino, recomenda-se que:

- a) todos os cursos de Enfermagem tenham em seu currículo pelo menos uma disciplina nesta área de conhecimento;
- b) as disciplinas da área fiquem sob a responsabilidade de um docente com formação em Nutrição;
- c) as instituições governamentais e privadas ofereçam condições para que seus docentes obtenham titulação adequada, preferivelmente o título de doutor;
- d) os objetivos gerais e específicos sejam discutidos com a coordenação do curso e constem do programa;
- e) os docentes responsáveis pela disciplina mantenham atualizada a bibliografia indicada;
- f) as bibliotecas dos cursos contêm com livros atualizados sobre Nutrição e Dietética e em número compatível com o número de alunos;
- g) as Faculdades de Enfermagem contêm com um Departamento de Nutrição e Dietética, que congregue docentes com especialidades distintas;
- h) periódicos especializados em Enfermagem e eventos científicos desta área abram espaço a outros profissionais para divulgação de temas relativos à área de Nutrição e Dietética.

BOOG, M.C.F.; RONCADA, M.J.; STEWIEN, G.T.M. [Nutrition teaching in the medical and nursing graduation courses in the State of São Paulo, Brazil. – Nursing courses]. *Acta Paul. Enf.*, São Paulo, v.8, n.4, p.66-74, may-dec, 1995.

**ABSTRACT:** The present research was performed in order to know how teaching in the area of Nutrition in the Nursing Graduation Courses in the State of São Paulo, Brazil, is undertaken. The following aspects were seen into: the discipline's total instruction time load, the responsible teacher's graduation and academic background, objectives, content and recommended bibliography. The results regarding 24 courses brought the following aspects to light: the vast majority of them offered a discipline in the area of Nutrition lasting 60 hours. In two cases (8,3%) there was no specific discipline in the area and most (73,9%) on the teachers on the staffs were nutritionists. As regards formal academic background, 34,8% of them had no titles besides graduation and 34,8% had a Master of Science degree. The contents were classified into 14 categories. Those most mentioned were: Nutrients: functions and sources; General Dietetics; Dietetics in vital cycles; Diet-therapy in specific illnesses. Most of the courses had an indicated reading list containing from 3 to 6 titles. Some of the contents belonging to the field of Nutrition are also taught in other disciplines. The authors put forward suggestions aiming the improvement of Nutrition and Dietetics teaching in nursing graduation courses.

**UNITERMS:** Nutrition teaching. Nursing education. Nutrition education.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRAMOVAY, R. *O que é fome?* São Paulo, Abril/Brasiliense, 1985.
2. BALL, M.M. Nutrition content in the nursing curricula: potencial for implementation. *J. Nutr. Educ.*, v.1, p. 10-1, Winter 1970.
3. BARLOW, D. H. ; TILLOTSON, J. L. Behavioral science and nutrition: a new perspective. *J. Am. Diet. Assoc.*, v. 72, p. 368-71, 1978.
4. BATISTA FILHO, M. A.; BARBOSA, N. P. *Alimentação e nutrição no Brasil: 1974 - 1985*, Brasília, Ministério da Saúde, 1985.
5. BEZERRA, L. G. *O ensino da nutrição nos cursos de medicina do Brasil*, Natal, Ed. Universitária, 1980.
6. BOOG, M. C. F. Considerações sobre o ensino de nutrição nos cursos superiores da área da saúde. *Revista UNICAMP*. (no prelo)
7. BOTOME, S. P.; SANTOS, E. V. Ensino na área da saúde: o problema do objeto de trabalho. *Ciênc. Cult.*, v. 36, p. 910-23, 1983.
8. BOUCINHAS, J. C.; BEZERRA, L. G. O ensino de nutrição a nível de graduação nos cursos de medicina do Brasil. *Aliment. Nutr.*, n. 50, p. 48-52, 1980.
9. CHERY, et al. Nutrition knowledge and misconceptions of university students: 1971 vs. 1984. *J. Nutr. Educ.*, v. 19, p. 237-41, 1987.
10. DUTRA de OLIVEIRA, J. E. Teaching nutrition in medical schools: past, presents and future. *World. Rev. Nutr. Diet.*, v. 25, p. 142-65, 1976.
11. EVANS, R. I.; HALL, Y. Social-psychologic perspectives in motivating changes in eating behavior. *J. Am. Diet. Assoc.*, v. 72, p. 378-83, 1978.
12. FRANKLE, R. T. Nutrition education for medical students. I. What is it? Where has it been? Why should it be taught? *J. Am. Diet. Assoc.*, v. 68, p. 513-9, 1976.
13. FRANKLE, R. T. Nutrition education for medical students. II. Who shall teach it? Within what framework? How? *J. Am. Diet. Assoc.* v. 68, p. 520-5, 1976.
14. GARINE, I. de The sócio-cultural aspects of nutrition. *Ecol. Food Nutr.*, v. 1, p. 143-63, 1972.
15. GRIFFITH, W. H. The scope of nutrition. *Fed. Proc.*, v. 66, p. 153-57, 1967.
16. HEIMBURGER, D. C. et al. Dietary habits of first year medical students assessed during clinical nutrition course. *Nutrition* v. 10, p. 214-20, 1994.
17. HOTING, H. & LITTLEFIELD, J. H. Improving nutrition components in medical and dental school curricula. *J. Am. Diet. Assoc.*, v. 85, p. 479-80, 1985.
18. LASSWELL, A. et al. Importance of nutritional issues among family physicians. *J. Nutr. Educ.*, v. 25, p. 215-7, 1993.
19. LOPEZ, A. et al. 1987 ASCN Workshop on Nutrition Education for Medical/Dental Students and Residents – Integration of nutrition and medical education: strategies and techniques. *Am. J. Clin. Nutr.* v. 47, p. 534-50, 1988.
20. MAHONEY, M. J.; CAGGIULA, A.W. Applying behavioral methods to nutrition counseling. *J. Am. Diet. Assoc.*, v.72, p. 372-7, 1978.

21. NEWTON, M. E. Nutrition content in the nursing curricula: potencial for deletion. *J. Nutr. Educ.* v. 1, p. 9-10, Winter 1970.
22. POSITION OF THE AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION: Nutrition -- an essential component of medical education. *J. Am. Diet. Assoc.*, v. 94, p. 555-7, 1994.
23. RAO, S. Método para mejorar la enseñanza de la nutrition en las escuelas de medicina. *Bol. Of. Sanit. Panam.* v. 70, p. 530-7, 1971.
24. ROMO, M.E.; OLIVARES, S. Enseñanza de nutrition en la formacion de profesionales de la salud de la Universidade de Chile. *Rev. Chil. Nutr.*, v. 11, p. 35-42, 1983.
25. SCHWARTZ, N. E. Knowledge, attitudes and practices of Canadian Public Health Nurses. *J. Nutr. Educ.* v. 8, p. 28-31, 1976.
26. SCHRIMPTON, R. **Ecologia da desnutrição na infância: análise da evidência das relações entre variáveis sócio-econômicas e estado nutricional.** Brasília, C. N. R. H./IPEA - UNICEF, 1986 (Série instrumentos para a ação nº 3)
27. SOBAL, J.; MUNCIE, H. L. Vitamin use and vitamin beliefs among students entering medical school. *J. Nutr. educ.*, v. 17, p. 123-5, 1985.
28. WEINSSIER, R. L. et al. Priorities for nutrition content in a medical school curriculum: a national consensus of medical educators. *Am. J. Clin. Nutr.* v. 50, p. 707-12, 1989.
29. WINICK, M. Nutrition education in medical school. *Am. J. Clin. Nutr.* v. 58, p. 825-7, 1993.
30. ZIMMERMANN, M.; KRETCHMER, N. Isn't time to teach nutrition to medical students? *Am. J. Clin. Nutr.*, v. 58, p. 828-9, 1993.

## ANEXO

a) Introdutórios – relação nutrição-saúde: na grande maioria dos cursos é tratada a importância da alimentação para a manutenção da saúde e são introduzidos alguns conceitos básicos como *Nutrição*, *Dietética*, *Nutrição em Saúde Pública*. Um curso apenas explicitou abordar aspectos históricos da alimentação.

b) Nutrientes: funções, fontes: há cursos que referem este conteúdo assim: Alimentos e Nutrientes. Outros há que utilizam duas páginas para indicar cada um dos tópicos. Via de regra, são abordados os nutrientes quanto a *tipos, funções, necessidades, fontes* e também os **grupos de alimentos**.

c) Dietética geral: também é bastante enfatizada. São abordados: leis da alimentação, balanço energético, orientações básicas para a dieta do adulto normal, formulação de cardápios e substituição de alimentos. Um curso, apenas, explicitou ensinar a calcular dietas.

d) Dietética nos ciclos vitais: este aspecto é abordado em quase todos os cursos, mas com ênfases diferentes. Algumas instituições referem-se apenas aos ciclos, sem especificar os grupos, mas entre os que especificaram, é priorizada a alimentação do grupo materno-infantil; idosos e adolescentes são menos citados. O aleitamento materno ou amamentação foi explicitado por duas instituições, apenas.

e) Avaliação do estado nutricional: é referido de maneira genérica como “avaliação nutricional”. Aparentemente, não é um aspecto muito enfatizado.

f) Dietas hospitalares de rotina (modificações de consistência): dietas geral, branda, leve, líquida. Alguns cursos fazem referência à dieta pastosa. São empregadas também as expressões dietas de rotina ou de transição, dietas progressivas e dietas básicas hospitalares.

g) Dietoterapia nas patologias específicas: esta é a parte mais extensa na maioria dos programas. Cursos com carga horária média, apresentam programas extensos de dietoterapia. Um dos conteúdos mais extensos de dietoterapia foi apresentado por um curso que não possui a disciplina Nutrição em seu currículo, e que informou ministrar o conteúdo específico como parte da disciplina Fisiologia Humana. Reserva, para tanto, **duas horas**, de um total de 320, que fica a cargo de um docente não especializado na área. Os temas mais enfatizados são: dietoterapia nos distúrbios gastro-intestinais, em nefropatias, hepatopatias e diabetes.

h) Processo de cuidado nutricional – papel do enfermeiro: o conteúdo específico, ou é referido de forma genérica, ou são citados alguns aspectos peculiares, específicos: verificação de aceitação da dieta, colaboração com o serviço de nutrição, importância da atuação do enfermeiro na educação alimentar, interrelação paciente, nutricionista, médico, enfermeiro, relacionamento serviço de Enfermagem / serviço de Nutrição.

i) Lactário: tema abordado só por dois cursos. Um deles cita planta física, equipamento, operações.

j) Suporte nutricional: assunto que vem despertando interesse crescente. A nutrição enteral é mais citada do que a parenteral. Esta terminologia “suporte nutricional” foi utilizada por dois cursos, apenas.

l) Nutrição em saúde pública: neste tópico são abordados temas como situação nutricional da população brasileira, políticas de alimentação e nutrição, desnutrição proteico-calórica, carências nutricionais, aspectos sócio-econômicos da nutrição. Pouco mais da metade dos cursos enfocou estes aspectos, tão relevantes na realidade brasileira.

m) Aspectos psicológicos, sociais e culturais da alimentação – educação nutricional: abordados como hábitos, tabus e crenças, aspectos antropológicos sociais e psicológicos, metodologia do aconselhamento nutricional, educação nutricional na comunidade e na escola.

n) Fisiologia da nutrição: não é abordada na maioria dos cursos. A ênfase é sobre os processos de digestão e absorção.

o) Outros: o tema mais citado foi interação medicamentos-nutrição. Outros citados foram: correntes alternativas de alimentação, nutrição do atleta, nutrição e saúde dental, higiene dos alimentos.